

ERA UMA VEZ... A UTILIZAÇÃO DOS CONTOS E DA LUDICIDADE COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO E APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Lizeni Pereira Alves¹

Patrícia Natália dos Santos Pereira²

Sandra Alves de Oliveira³

Jany Rodrigues Prado⁴

Resumo

Este artigo traz reflexões sobre a contação de histórias e o desenvolvimento de jogos e brincadeiras no estágio supervisionado na turma do 5º período da educação infantil, durante o primeiro semestre de 2017, na Escola Municipal Senador Nilo Coelho. Salientamos a importância da contação de histórias como um procedimento metodológico lúdico de ensino e aprendizagem na educação infantil. Ao utilizar-se desse recurso na prática pedagógica, proporcionamos às crianças o desenvolvimento da atenção, da concentração, do diálogo, da imaginação. Buscou-se na realização da observação diagnóstica e coparticipativa, e no estágio de intervenção pedagógica, aproximar da realidade a qual atuaremos na profissão docente. Também pôr em prática os conhecimentos adquiridos na teoria, por meio das leituras, discussões, vivências e pesquisas nos componentes curriculares estudados no curso de Pedagogia do Departamento de Educação de Guanambi – *Campus XII/UNEB*, e na prática observada na instituição que realizamos o estágio. No planejamento do conto das histórias, inserimos a ludicidade como atividade para tornar a vivência da história dinâmica e proporcionar às crianças aprender brincando e jogando. A utilização de jogos e brincadeiras como recurso pedagógico vem se tornando cada vez mais indispensável no processo de ensino e aprendizagem. Por isso, durante nossa intervenção buscamos vivenciar a ludicidade como forma educativa e lúdica, partindo das histórias contadas. Os jogos e brincadeiras utilizados tinham por objetivo interpretar as histórias contadas, promover o trabalho em grupo, o desenvolvimento do raciocínio lógico por meio de atividades que envolviam noções matemáticas, a linguagem oral e escrita. Por meio dos contos, dos jogos e das brincadeiras a criança aprende os conteúdos que estão sendo trabalhados, potencializa sua coordenação motora, seu movimento, além de estabelecer relações de trocas e saberes. O professor enquanto mediador deve utilizar novas metodologias em sala de aula, procurando incluir na sua prática educativa os jogos e as brincadeiras.

Palavras-chave: Contos. Ensino e aprendizagem. Ludicidade.

¹Estudante do 7º semestre do curso de Pedagogia do Departamento de Educação de Guanambi – *Campus XII* da Universidade do Estado da Bahia. lizeni_gbi@hotmail.com

²Estudante do 7º semestre do curso de Pedagogia do Departamento de Educação de Guanambi – *Campus XII* da Universidade do Estado da Bahia. paty.15.nataliaibce@hotmail.com

³Profa. Ma. do *Campus XII/UNEB*. Pesquisadora do NEPE. Coordenadora de área do PIBID/UNEB/*Campus XII*. Professora da educação básica do Colégio Municipal Aurelino José de Oliveira (Candiba-BA). saoliveira@uneb.br

⁴Profa. do *Campus XII/UNEB*. Pesquisadora do NEPE. Coordenadora de área do PIBID/UNEB/*Campus XII*. Coordenadora da educação básica da rede municipal de ensino de Guanambi-BA. janyrprado@yahoo.com.br

1 Introdução

O estágio supervisionado na educação infantil é “uma atividade de aproximação com o campo profissional [...], de possibilidade de conexão entre a teoria estudada e a prática observada nas instituições que acolhem os(as) estagiários(as)” (GOMES, 2013, p. 67).

Buscamos na realização da observação diagnóstica e coparticipativa na educação infantil, no período de 17 de abril a 5 de maio de 2017, e no estágio de intervenção pedagógica, no intervalo de 22 de maio a 02 de junho de 2017, aproximar da realidade a qual atuaremos na profissão docente. Também pôr em prática os conhecimentos adquiridos na teoria, por meio das leituras, discussões, vivências e pesquisas nos componentes curriculares estudados no curso de Pedagogia do Departamento de Educação de Guanambi – *Campus XII/UNEB*, e na prática observada na instituição que realizamos o estágio na turma do 5º período.

Conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), “a observação e o registro se constituem nos principais instrumentos de que o professor dispõe para apoiar sua prática. Por meio deles o professor pode registrar, contextualmente, os processos de aprendizagem das crianças [...]” (BRASIL, 1998a, p. 58). Estes instrumentos metodológicos nortearam a construção e desenvolvimento da proposta de intervenção na educação infantil.

O projeto de intervenção intitulado “Era uma vez... Ensino e aprendizagem através dos contos de fadas” foi pensado e construído coletivamente, a partir da observação na sala do 5º período. Também por sugestão da Escola Municipal Senador Nilo Coelho, optamos por desenvolver no estágio de intervenção pedagógica o projeto sobre “Contos” que “instiga a imaginação, a criatividade, a oralidade, incentiva o gosto pela leitura, contribui na formação da personalidade da criança envolvendo o social e o afetivo” (MATEUS et al., 2013, p. 55).

Neste artigo apresentamos e discutimos momentos experienciados no desenvolvimento da proposta de intervenção no estágio supervisionado na educação infantil, durante o primeiro semestre de 2017, que buscou discutir “o estágio como campo de conhecimentos e eixo curricular central nos cursos de formação de professores” (PIMENTA; LIMA, 2008, p. 61). É um momento oportuno de aprendizagem da docência e de construção da identidade docente.

2 A contação de histórias como estratégia de ensino e aprendizagem na educação infantil

Durante muitos anos, as escolas vêm se preocupando em formar indivíduos críticos e responsáveis. Isso acontece porque vivemos em uma sociedade onde as trocas de saberes acontecem rapidamente, seja através da leitura, da escrita ou mesmo da linguagem oral ou

visual. A escuta de histórias estimula a imaginação, instrui, educa, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de potencializar a linguagem infantil. De acordo com Brasil (1998b, p. 25), “as histórias que compõem o repertório infantil são inesgotável fonte de informações culturais, as quais somam-se a sua vivência concreta”.

A criação e a imaginação fazem parte da contação de histórias. À medida que íamos contando as histórias na turma do 5º período da educação infantil, percebíamos que as crianças criavam o seu cenário. Em vários momentos durante a contação, eles questionavam o porquê das coisas, imaginavam um final diferente, ou até criavam características para os personagens que não eram mencionadas na história.

Vitor e Korbes (2011, p. 94) destacam “a história infantil como uma ferramenta que não deve ser excluída do cotidiano das crianças, pois ela contribui para o seu desenvolvimento”. Durante a narrativa da história, segundo estas autoras, “é importante que o professor a vivencie dramatizando, buscando e utilizando meios e maneiras de contar proporcionando a criança aprendizagem, [...] dar subsídios para a criança ter a oportunidade de imaginar sua história” (VITOR; KORBES, 2011, p. 94).

No componente curricular “Literatura Infantil”, estudado durante o primeiro semestre de 2017, aprendemos que ao contar ou interpretar uma história, deveríamos fazê-la com empenho e criatividade para que se tornasse agradável aos ouvintes. Dessa maneira, procuramos vivenciá-las no estágio, fazendo caras e bocas, demonstrando aos estudantes o fantástico mundo imaginário do livro. Assim, percebemos que as crianças ficavam atentas às histórias, sem deixar nada passar, e a todo o momento queriam ver as ilustrações e o colorido da leitura, ou seja, do livro.

Segundo Abramovich (1995, p. 121), “é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias e escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo”.

No desenvolvimento da contação de histórias, buscamos vivenciar jogos e brincadeiras como estratégia de interpretação da história de forma lúdica. Realizamos 10 dias de intervenção e a cada dia contávamos uma história diferente, dentre elas: A lebre e a tartaruga; A galinha dos ovos de ouro; Chapeuzinho amarelo; Os cisnes selvagens e a princesa; A Polegarzinha; Cindy vai à escola; Os músicos de Bremen; Sherazade; Viviana a rainha de pijama; O peixinho perdeu o inho.

Salientamos a importância da contação de histórias como um procedimento metodológico lúdico de ensino e aprendizagem na educação infantil. Para Mateus et al. (2013, p. 56), “a contação de histórias é uma atividade fundamental que transmite

conhecimentos e valores, sua atuação é decisiva na formação e no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem”. Dessa forma, entendemos que ao utilizar-se desse recurso na prática pedagógica, proporcionamos às crianças o desenvolvimento da atenção, da concentração, do diálogo, da imaginação, etc.

No planejamento do conto das histórias, inserimos a ludicidade como atividade para tornar a vivência da história dinâmica e proporcionar às crianças aprender brincando e jogando. Através do brincar, segundo Maluf (2009, p. 20), “a criança prepara-se para aprender. Brincando ela aprende novos conceitos, adquire informações e tem um crescimento saudável”. Por meio do brincar a criança interage consigo mesma e com os outros.

Durante a intervenção na turma do 5º período, composta por 23 estudantes, com idade entre 4 a 6 anos, os jogos e as brincadeiras estavam presentes a todo o momento na leitura das histórias, na medida em que compreendíamos que a criança pode aprender de forma lúdica. Nesse sentido, no que refere à leitura de histórias, Brasil (1998c, p.143) aponta:

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. [...] As instituições de educação infantil podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que frequentam, uma vez que essas histórias se constituem em rica fonte de informação sobre as diversas formas culturais de lidar com as emoções e com as questões éticas, contribuindo na construção da subjetividade e da sensibilidade das crianças.

Logo, entendemos que a leitura de histórias também favorece a leitura de mundo das crianças, na medida em que as possibilitam conhecer outras realidades ou “outros mundos” que não somente os seus.

A literatura infantil vai além do prazer da imaginação que a criança sente em ouvir histórias. É um mundo fantástico onde a emoção predomina em cada olhar e cada gesto de alegria. Mas, para que toda essa emoção possa acontecer, o professor precisa ter uma postura ativa e estimuladora, para incentivar futuros leitores críticos e criativos.

3 Vivência de jogos e brincadeiras na educação infantil

Os jogos e as brincadeiras são considerados momentos privilegiados na prática pedagógica, desde que o professor saiba usá-los corretamente e de modo educativo. A utilização de jogos e brincadeiras como recurso pedagógico vem se tornando cada vez mais indispensável no processo de ensino e aprendizagem. Por isso, durante nossa intervenção

buscamos vivenciar a ludicidade como forma educativa e lúdica, partindo das histórias contadas.

Segundo Santos (2011, p.17), “para que o jogo possa desempenhar a função educativa é necessário que este seja pensado e planejado dentro da sistematização do ensino e com respaldo nas teorias contemporâneas do jogo”.

Os jogos e as brincadeiras utilizados no processo de intervenção foram: A Trilha, Amarelinha, Boliche, Corrida dos Balões, Jogo da Memória, Bolinha Curiosa, Brincadeiras das Mímicas, Quebra-Cabeça, Bingo do Alfabeto, Caixa das Sensações, Sapinho Maluco, dentre outros. O envolvimento das crianças nessas atividades possibilitou-nos perceber a importância da ludicidade no processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com Santos (2011, p. 12), “na escola, a criança precisa continuar brincando para que seu desenvolvimento e crescimento físico, intelectual, afetivo e social possam evoluir e se associar à construção do conhecimento de si mesma, do outro e do mundo”. Ou seja, a brincadeira é responsável por muitas aprendizagens, e o nosso desafio diante disso, é aprender com as crianças a forma de ver o mundo através de suas diferentes linguagens.

Os jogos e brincadeiras utilizados tinham por objetivo interpretar as histórias contadas, promover o trabalho em grupo, o desenvolvimento do raciocínio lógico por meio de atividades que envolviam noções matemáticas, a linguagem oral e escrita.

Nos jogos: Amarelinha e Trilha Lúdica, por exemplo, dividimos a turma em grupos e fizemos perguntas sobre a história. Esse tipo de atividade lúdica incentiva à criança à leitura e a atenção durante a contação, a organização e a capacidade de trabalho em grupo.

Smole, Diniz e Cândido (2000, p. 21) destacam: “A amarelinha é uma brincadeira que desenvolve noções espaciais e auxilia diretamente na organização do esquema corporal das crianças”. Estas autoras salientam que “a noção espacial que se forma a partir da relação da criança com o espaço está na base da formação de aspectos importantes relacionados a localização espacial, coordenação motora e lateralidade” (SMOLE; DINIZ; CÂNDIDO, 2000, p. 20).

As brincadeiras e jogos propostos foram respondidos positivamente pelas crianças. Foram tantas risadas, pulos e muita alegria. Observamos que quando as crianças participam de atividades lúdicas realizam uma ação que lhes dão prazer ao mesmo tempo em que desenvolve as habilidades motoras, cognitivas, afetivas e sociais, como mostra a Figura 1.

Figura 1 – Participação das crianças no jogo: Trilha Lúdica



Fonte: Imagem obtida por Patrícia

Segundo Kishimoto (2001, p. 36), “quando as situações lúdicas são intencionalmente criadas pelo adulto com vistas a estimular certos tipos de aprendizagem, surge a dimensão educativa”. Nesse sentido, a utilização do lúdico na educação básica é de suma importância, pois possibilita o desenvolvimento do raciocínio lógico, da concentração, da imaginação, incentiva e motiva o estudante a participar das atividades realizadas em sala de aula.

Para o reconhecimento da escrita e apresentação das letras, realizamos diferentes formas de atividades escritas e dinâmicas e algumas formas de chamadinhas, dentre elas: chamadinha de ursinho, dinâmica do barquinho, chamadinha de balões e chamadinhas através de crachás. De acordo com Brasil (1998b, p. 30), “várias atividades podem ser planejadas, com destaque para brincadeiras e cantigas em que se podem inserir os nomes dos elementos do grupo, propiciando que sejam ditos e repetidos num contexto lúdico e afetivo”.

No período do estágio, procuramos atender àquilo que é exigido para trabalhar na educação infantil, bem como despertar o interesse das crianças pela leitura. Nessa perspectiva, culminamos nosso projeto de intervenção com a montagem de um “Cantinho da Leitura” na turma do 5º período, composto por um baú recheado de histórias infantis (as que contamos durante a intervenção e outras), lençol, almofadas e um painel decorativo com “livrinhos leitores” no intuito de proporcionar as crianças um espaço de leitura para deleite.

Ao final do período de intervenção, percebemos que o estágio na educação infantil nos trouxe experiências riquíssimas, não só enquanto futuras pedagogas, mas também em nosso âmbito pessoal, no sentido de nos abriremos e nos sensibilizarmos na escuta e no olhar para o outro como um ser em construção. Além, é claro, da companhia alegre das crianças, tivemos o prazer de poder aprender juntos.

4 Considerações finais

Por não termos tido nenhuma experiência na educação infantil antes deste estágio, percebemos que são muitos os desafios a serem enfrentados pelo professor, mas que também são muitas as possibilidades de mediar o processo de ensino e aprendizagem.

Mediamos nossa intervenção por meio dos contos e confirmamos a ideia de que estes possibilitam a aprendizagem das crianças de forma lúdica, uma vez que despertam a imaginação, o prazer e a disposição das crianças para o desenvolvimento das atividades propostas.

Compreendemos que muitas vezes o sistema não motiva e não valoriza o professor e o profissional da educação se vê sem condições de desenvolver um trabalho diferenciado com as crianças. Entretanto, reafirmamos ser necessário no processo de ensino e aprendizagem: a disposição, o desprendimento, a alegria e o encantamento para trabalhar na educação infantil. Afinal, ali as crianças estão construindo sua personalidade.

No estágio supervisionado na educação infantil, observamos que as crianças ficavam fascinadas com as histórias, os jogos e as brincadeiras que eram propostos e, por conta disso ficavam atentas às histórias que estavam sendo contadas. Afinal, tudo aquilo era novidade. Não que a professora coformadora não se utilizava desses recursos. No entanto, tudo aquilo estava sendo contextualizado, era posto a partir da história contada, o que os levava a ter uma disposição maior para a realização das atividades.

Na prática pedagógica na turma do 5º período da educação infantil foi um desafio contar histórias e a partir delas trabalhar os conteúdos dos eixos: Movimento, Matemática, Leitura e Escrita etc. Desafio porque muitas vezes não encontramos as atividades e tivemos que produzi-las. No entanto, nos trouxe um vasto conhecimento sobre interdisciplinaridade, isso porque tivemos que dispor de um tempo maior para estudar sobre, pensar e produzir as atividades que contemplassem esses eixos de forma lúdica e da maneira que acreditávamos que fosse alcançar todos os estudantes. Os objetivos das atividades eram propiciar o aprendizado das crianças, estimular o processo de construção do conhecimento, proporcionar a interação.

Por meio dos contos, dos jogos e das brincadeiras a criança aprende os conteúdos que estão sendo trabalhados, potencializa sua coordenação motora, seu movimento, além de estabelecer relações de trocas e saberes. O professor enquanto mediador deve fazer uso de novas metodologias em sala de aula, procurando incluir na sua prática educativa os jogos e as brincadeiras. O brincar admite o ensino e a aprendizagem mais envolvente, proporciona

ligação entre a realidade e a fantasia. Isso deve partir da intencionalidade do professor, na medida em que pensa e produz suas atividades acreditando no potencial das crianças.

Referências

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular para a Educação Infantil**. Introdução. v. 1. Brasília: MEC/SEF, 1998a.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular para a Educação Infantil**. Formação social e pessoal. v. 2. Brasília: MEC/SEF, 1998b.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular para a Educação Infantil**. Conhecimento de mundo. v. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998c.

GOMES, M. de O. **Formação de professores na educação infantil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

KISHIMOTO, T. M. O jogo e a educação infantil. In: _____. (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 13-43.

MALUF, A. C. M. **Brincar: Prazer e aprendizado**. 6. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

MATEUS, A. do N. B. A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil. **Pedagogia em Ação**, PUC Minas, v. 5, n. 1, p. 54-69, 2013. ISSN 2175-7003. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/8477/7227>>. Acesso em: 3 jul. 2017.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, S. M. P. dos. **O brincar na escola: metodologia lúdico-vivencial, coletânea de jogos, brinquedos e dinâmicas**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SANTOS, S. M. P. dos. **O brincar na escola: metodologia lúdico-vivencial, coletânea de jogos, brinquedos e dinâmicas**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SMOLE, K. S.; DINIZ, M. I.; CÂNDIDO, P. **Brincadeiras infantis nas aulas de matemática**. Porto Alegre: Artmed, 2000. (Coleção Matemática de 0 a 6, v. 1).

VITOR, E. C.; KORBES, L. M. A contação de histórias na educação infantil. **Revista Eventos Pedagógicos**, Universidade do Estado de Mato Grosso - *Campus* Universitário de Sinop, v. 2, n. 1, p. 92-100, jan./jul. 2011.